



## NOEL ROSA: NA FRONTEIRA ENTRE O MORRO E A CIDADE

**Ramiro Lopes Bicca Junior\***

**Centro Universitário Metodista – IPA/RS**

[ramiro.bicca@hotmail.com](mailto:ramiro.bicca@hotmail.com)

**RESUMO:** O artigo analisa a importância do compositor popular Noel Rosa (1910-1937) e sua obra como representantes das transformações sociais e culturais que ocorriam no Brasil no decorrer da década de 1930. Procura-se identificar o Poeta da Vila como um “homem-fronteira” que integrou as diferentes realidades do morro e da cidade através de suas composições, caracterizando-o, assim, como um mediador de diferentes culturas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Noel Rosa – Música popular – Cultura brasileira – Representações sociais

**ABSTRACT:** The article analyses the importance of the popular composer Noel Rosa (1910-1937) and his work like representatives of the social and cultural transformations who were taking place in Brazil in the course of the decade of 1930. The Poet of the Town tries to identify like a “front-man” who integrated the different reality of the hill and of the city through his compositions, characterizing it, so, like a mediator of different cultures.

**KEYWORDS:** Noel Rosa – Popular music – Brazilian culture – Social representations

Noel de Medeiros Rosa (1910-1937) foi um dos mais importantes compositores da música popular brasileira. Ao analisarmos a sua obra – desde o final da década de 1920 até a sua morte em 1937 –, percebemos que suas canções, além do valor artístico que possuem, são documentos históricos que expressam e representam as profundas transformações sociais e culturais ocorridas no Brasil daquele período.

O primeiro sucesso do compositor foi o samba **Com que roupa?**, inspirado na queda da Bolsa de Nova York e nas dificuldades econômicas pelas quais passava o Brasil diante deste acontecimento. Nesse samba, já se percebe o conteúdo humorístico, a crítica bem-humorada que Noel fazia da sociedade e que estaria presente em toda a sua obra, além da coloquialidade dos versos e das expressões corriqueiras que

---

\* Doutor em História e professor de Ensino Médio e Superior.

caracterizam a influência modernista do compositor. Graças a ele, Noel é, definitivamente, reconhecido como um dos compositores mais representativos do Rio de Janeiro naquele momento. Além desse samba, em muitos outros é manifestado esse lirismo diretamente relacionado ao cotidiano, formando uma harmônica interação entre indivíduo e sociedade, algo bastante original nas primeiras décadas do século XX, em que a música popular ainda estava ligada às tradições coloniais e regionais características do período anterior. Noel Rosa

fala a partir de uma vivência num certo cotidiano (não fala sobre), fala o mundo, como o trabalhador quando se refere à operação de trabalho. Por outro lado, sua veia lírica é formalmente mais romântica do que moderna, no sentido de que o espaço externo (a cidade, com suas dores e alegrias) acha-se objetivamente estruturada, e o poeta-compositor pode sentir-se à vontade para assumir os significados correntes.<sup>1</sup>

Nuances do cotidiano da cidade, dos bairros, dos costumes, da cultura, transparecem em seus versos. E é justamente nesse aspecto que reside um traço fundamental da importância social e ideológica de suas composições: a integração de grupos sociais através da arte, da música. Sua obra se insere e até mesmo cria um trânsito entre o *ethos* negro (os morros, as favelas) e a cidade (a classe média, o capitalismo ascendente, a industrialização), estando, dessa forma, de acordo com a ideologia do populismo nacionalista característico de sua época. Noel Rosa era um indivíduo advindo da classe média e que chegou a iniciar um curso universitário, algo pouco comum no contexto social da época. Ao mesmo tempo, estava ligado à vida popular da cidade, às camadas populares e aos elementos característicos dessa cultura. Nesse sentido, Noel será um personagem central no processo de escalada do samba, manifestação ainda subcultural, para o plano da cultura da cidade, permitindo uma transformação na questão da hegemonia que estaria fadada a exercer larga influência em todo o país. O poeta da Vila parece sempre querer enfatizar a importância do compositor popular como agente integrador da cultura nacional.

Noel permite, com suas composições, a criação de uma nova concepção acerca da música popular baseada na comunicação direta com a cidade e seus mais diversos

---

<sup>1</sup> VIANNA, Luiz Werneck. Os “simples” e as classes cultas na MPB. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa Maria Murgel; EISENBERG, José. (Orgs.). **Decantando a República:** inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 69-78. vol. 1

grupos sociais, tendo como aliado o poder de alcance do rádio sobre os diversos setores da população.

Após a Revolução de 1930, o Estado passou a ter ainda mais poder de mediação entre o povo e os intelectuais. Ele representava a instância maior em torno da qual deveriam se submeter as manifestações artísticas, a ciência e a intelectualidade em geral. Com Noel Rosa, no entanto, a música popular transformou-se em um elemento autônomo que possibilitava a expressão da livre opinião e o encontro dos intelectuais com os segmentos menos abastados da população. Percebe-se o surgimento e fortalecimento da comunicação entre a realidade urbana, os elementos prosaicos do cotidiano, e a opinião, a interpretação de mundo dos compositores. Ou seja, mesmo sob o poder ideológico e cultural exercido pelo Estado, a música popular consegue expressar o contexto em que surge com uma certa independência em relação aos padrões ideológicos impostos. A vida popular passa a ser cada vez mais valorizada e aceita na mídia e pela população. A obra de Noel permite, justamente, iniciar um processo de reinterpretação da sociedade e uma reflexão profunda a respeito da identidade do indivíduo urbano no Brasil. Com ele a arte do *simples* deixa de ser apenas considerada como cultura dos excluídos para tornar-se objeto de análise e reflexão. Nesse contexto, o rádio contribuiu para levar os compositores populares e suas canções a conquistar a realidade urbana e as classes cultas. Vemos, assim, que a obra de Noel é de grande importância para compreensão do caráter do brasileiro que tantas transformações sofreu em busca de sua identidade no decorrer de várias décadas. Busca, esta, empreendida nos mais variados âmbitos: político, econômico, cultural, social, etc, e sujeita às influências das transformações mundiais.

Quando Noel Rosa nasceu, a República havia sido proclamada a pouco mais de duas décadas. O Brasil ainda estava fortemente ligado ao antigo sistema político apesar dos esforços de modernização e inserção no novo contexto desenvolvimentista mundial. Tanto na busca do “moderno” quanto no sistema político que surgia, a população, de maneira geral, assistia como que hipnotizada. Nas raízes desse ímpeto de reformas em todos os setores, estava o pensamento positivista diretamente importado da Europa, mas adaptado ao estilo brasileiro. Sob o lema “o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim”, os dirigentes brasileiros buscavam construir um novo país. No entanto, disfarçado sob uma constituição liberal, o sistema político era mantido sob o controle das oligarquias estaduais dominantes desde a época do Império. No final das

contas, a população, em sua maioria analfabeta e pobre, permanecia à margem das decisões políticas e, conseqüentemente, distante do desenvolvimento econômico.

Nesse contexto de internacionalização e adequação do Brasil ao capitalismo, as grandes empresas nacionais e estrangeiras recebiam todo o apoio do governo, enquanto o povo via ir por água abaixo os sonhos de melhores condições de vida e de trabalho, prometidas pela República ainda jovem. A decepção da população já aparecia, menos de uma década após a proclamação da República, em charges e caricaturas de periódicos brasileiros.

A ordem política e econômica brasileira serve muitas vezes como tema para as canções de Noel Rosa. Quando aparece, ganha contornos irônicos, sarcásticos e subjetivos, o que é bastante natural, pois trata-se de música popular e não de crítica social respaldada por teorias científicas. O exemplo da já citada **Com que roupa?** é significativo, pois a própria estruturação poética e temática torna indireta a referência ao contexto histórico.

Noel tinha consciência da distância que havia entre o povo das ruas e a ordem oficial da política brasileira. Ele deixa transparecer em muitas de suas composições a idéia de que mesmo os representantes dessa ordem vigente (policiais, autoridades, funcionários públicos) são parte da imensa quantidade de gente que não compreende a complexidade do sistema, suas corrupções, seus conchavos e, portanto, também são vítimas da exploração econômica e ideológica, tal como em **Filosofia**:

Não me incomodo  
Que você me diga  
Que a sociedade  
É minha inimiga  
Pois cantando nesse mundo  
Vivo escravo do meu samba  
Muito embora vagabundo  
Quanto a você da aristocracia  
Que tem dinheiro  
Mas não compra alegria  
Há de viver eternamente  
Sendo escrava dessa gente  
Que cultiva hipocrisia

Em outros momentos, Noel profetiza o triste destino daqueles que não fazem parte da alta sociedade, mas que encontram sua salvação na arte, como em **Riso de criança**:

Eu nascendo pobre e feio  
Ia ser triste o meu fim

Mas crescendo a bossa veio  
Deus teve pena de mim

A crítica parece estar bastante presente em suas letras quando o assunto é a política brasileira, o novo contexto social e as dificuldades econômicas do povo brasileiro. Suas canções com temáticas que se referem à realidade do país estão repletas de versos bem humorados e irônicos, mas que deixam transparecer, através da narração de fatos cotidianos e dos sentimentos das pessoas que os vivem, o contexto social da época. De fato, como salientam Máximo e Didier, Noel é

um cronista a zombar como pode da confusão em que se vê metido o Brasil após uma revolução de causas e efeitos imprecisos, cores vagas, filosofias hesitantes, ideologias camufladas. O que mudou afinal? Para que se fez a revolução? Como o novo chefe da repartição que chega para fazer mudanças – e, não sabendo o que mudar, muda apenas a posição das mesas – o novo presidente baixa decreto limitando a imigração, institui um imposto de emergência, mexe na hora brasileira, reforma a ortografia, nada mais profundo.<sup>2</sup>

Como citado pelos autores, o novo governo pós-30 mudara até mesmo a hora brasileira. Era a instauração do horário de verão que não passou despercebido por Noel Rosa e que a ele dedicou dois sambas: **O pulo da hora** e **Por causa da hora**. Na letra do segundo, a forma de vida do malandro não deixa de estar presente:

Eu que sempre dormi durante o dia  
Ganhei mais uma hora pra descanso  
Agradeço ao avanço  
De uma hora no ponteiro.  
Viva o dia brasileiro!

A partir dessa forma de compreensão do mundo – em que alude às transformações no cotidiano do povo brasileiro relacionadas ao cenário político e ideológico e integra os ideais do malandro, do boêmio, do vagabundo e do oprimido, presentes em suas canções, com a concepção burguesa e de classe média inerentes à sua origem social – percebemos em Noel a tendência de integrar as diversas classes sociais em um mesmo sistema de indivíduos submetidos à ordem vigente e influenciados pelos novos padrões políticos e culturais modernos que invadiam o cenário urbano. Desde a infância, o que lhe interessava era a diversidade dos tipos humanos, a peculiaridade dos elementos cotidianos e do universo social em que vivia. Assim, já adulto, perceberá que

---

<sup>2</sup> MÁXIMO, João. Apud. DIDIER, Carlos. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: UNB, 1990, p. 71.

esses personagens que habitam suas canções são todos (burgueses, trabalhadores, funcionários e artistas) peças de um jogo social regrado pela nova estrutura política ainda em formação.

A tradição que Noel buscou era a que servia ao futuro, representada, no caso, pela apropriação do samba pelo morro, pelos trabalhadores pobres, pelos marginalizados – gente sem “origem”, sem “raiz”, sem formação musical destacada – personagens, eles próprios, de suas canções, organizadores de um mundo até então invisível à República. Noel, com isso, imprimia uma sinalização radicalmente democrática à tradição carioca, rompendo com uma certa aristocracia do samba e com as concepções intelectuais que poderiam confinar aquele ritmo ao folclore, à rigidez devota de sua ancestralidade negra. Fazer dessa “novíssima tradição”, isto é, do samba que resultava da interação de grupos heterogêneos, a linguagem, por excelência, da experiência urbana brasileira foi o passo que fez da música popular um locus de produção de entendimento acerca da modernização do país – o que a musicalidade tradicional do Nordeste, apesar de popular, não pôde ser.<sup>3</sup>

Nossa interpretação de Noel Rosa como personagem da cidade e do país é a de que ele pode ser estudado, percebido, compreendido, como uma espécie de “homem-fronteira” – entre o morro e a cidade – que busca englobar em uma mesma cultura as diferentes realidades econômicas, sociais e culturais. François Hartog, ao se referir ao personagem Ulisses, da **Odisséia** de Homero, analisa qual seria o papel daquele como “homem-fronteira”:

Ele marca as fronteiras [...], ou, sobretudo, ele, o Resistente, prova-as ou experimenta-as, arriscando-se a perder-se totalmente. Móvel, agitado pelas ondas, tendo sempre de partir de novo, ele próprio é um homem-fronteira e um homem-memória. Ele avança o mais longe possível, até além do que não permitiria mais retorno. [...]  
Esses homens-fronteira não encarnam, dando-lhe um rosto e uma expressão, uma inquietação autêntica, mas também uma resposta a essa inquietação? A narrativa de suas viagens não é uma forma de dar lugar ao outro, ou de lhe assinalar um lugar, mesmo que seja falando [...] em seu lugar? O que implica dizer que a fronteira se encontra no próprio movimento de fechamento e abertura, espaço entre dois, em que os viajantes-tradutores podem agir, para o melhor ou o pior.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> CARVALHO, Maria Alice Rezende de. O samba, a opinião e outras bossas... na construção republicana do Brasil. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa Maria Murgel; EISENBERG, José. (Orgs). **Decantando a República**: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/ Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 46-47.

<sup>4</sup> HARTOG, François. **Memória de Ulisses**: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga. Belo Horizonte: UFMG, p. 14-23. (Coleção Humanitas).

Em Noel Rosa percebemos, justamente, esse papel de “viajante-tradutor” (e por que não mediador?) entre distintas e complementares realidades socioculturais de um Brasil que passa por profundas transformações. Em seus sambas, há uma forte relação entre todos aqueles que compõem o círculo social, desde o favelado até as autoridades. O universo do poeta da Vila abrange os papéis sociais e o contexto cultural a partir de uma visão interna, pois ele mesmo é representante desse universo. Sendo de classe média, tendo frequentado colégios respeitáveis e até a faculdade de medicina, Noel circulava pelo mundo burguês, por Vila Isabel com seus aspectos europeizados e modernos, como o famoso Café Nice, os arredores da fábrica Confiança, o Ponto de Cem Réis e a Praça Sete. Por outro lado, a preferência pelo samba e pela boemia o fez adentrar o mundo dos malandros, dos seresteiros, dos compositores do morro, de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, representavam a antítese da sociedade burguesa. Suas canções abordam o cotidiano dessa forma peculiar: um olhar burguês, de um burguês que circula pelo “submundo”, sobre a realidade “plebéia”, os cabarés, os morros, os malandros de bairros como a Lapa e Vila Isabel. Porém, mais do que isso, Noel é um burguês que se identifica com essa realidade mulata e negra que observa, faz parte dela e cria uma visão de mundo em que une os parâmetros ideológicos da classe média – influenciados pelo novo contexto político e econômico – com o pensamento dos morros, da periferia, por sua vez críticos do mundo burguês. Torna-se, assim, um símbolo das transformações culturais e políticas do Brasil naquele instante de busca de identidade através do desenvolvimento capitalista e do encontro com as raízes populares. O bairro em que nasceu parecia, com suas diversas classes sociais e tipos humanos, propício a essa integração de elementos inovadores (o capitalismo, o urbano, a modernidade) com aspectos arcaicos da história nacional (o popular, a miscigenação das raças, o folclore). Vila Isabel tornou-se, junto ao samba, uma forma de enfatizar o modo de existência brasileiro através de narrativas líricas, como se fossem minicrônicas do contexto histórico. Não era, porém, simples produto imaginativo do compositor, nem mero campo de referências lingüísticas para formas puras, destituídas de um significado vivenciável, como pode acontecer numa elaboração poética.

É em Vila Isabel que encontramos o que poderia ser o microcosmo que simboliza a forma de Noel compreender o mundo. Vila Isabel é, para ele, a origem do próprio samba, um bairro que deixa transparecer, através de suas canções, a subjetividade das vidas humanas e as peculiaridades do cotidiano. Assim, Vila Isabel

representava o universo da cidade, o microcosmo do samba, a síntese das realidades abstratas existentes e caracterizadas pelos diferentes segmentos sociais e suas distintas manifestações culturais. Vila Isabel, a “cidade independente”, ao mesmo tempo em que mantém sua autonomia, é um espaço de resistência que integra as longínquas manifestações artísticas.

A resistência surge como consequência da modernização, da nova cultura imposta pelo sistema dominante diretamente influenciado pelas idéias européias e pelo desenvolvimento capitalista. Além disso, o contexto político e econômico brasileiro do início do século XX ainda mantinha firmes raízes na lógica do Império, o que dificultava transformações mais profundas na sociedade. As oligarquias mantinham-se no poder, agora representadas por dois estados da região Sudeste<sup>5</sup>. Em **Feitiço da vila**, samba de 1934, Noel fez alusão a esse ainda recente episódio da história política brasileira:

São Paulo dá café  
Minas dá leite  
E a Vila Isabel  
Dá samba

Em muitos sambas, o poeta da Vila compreendia como uma ameaça todo o ímpeto modernizante que assolava o Rio de Janeiro rompendo com as antigas estruturas que representavam a tradição cultural. As inovações tecnológicas levavam a transformações culturais significativas que nem sempre – raras vezes para alguns – representavam algo positivo na caracterização da sociedade. Na trilha dessas mudanças, vinha o capitalismo desenfreado que nem mesmo a queda da bolsa em 1929 conseguiu arrefecer. Assim, as relações de trabalho se tornavam ainda mais tensas nas fábricas, apesar dos esforços e das conquistas das organizações trabalhistas surgidas nas décadas de 1910 e 1920. E diante dessas transformações advindas com o progresso e a tecnologia, a sociedade enfrentava os problemas relativos ao trabalho e às relações de poder, inerentes ao desenvolvimento. Traços, esses, característicos do novo contexto e

---

<sup>5</sup> A Política do Café-com-Leite, como ficou conhecida essa aliança entre São Paulo e Minas Gerais, permitiu à burguesia cafeeira paulista controlar em âmbito nacional a política monetária e cambial e a negociação no exterior de empréstimos para a compra das sacas de café excedentes. Enfim, foi uma política de intervenção que garantia aos cafeicultores lucros seguros. Para Minas Gerais, o apoio a São Paulo garantia a nomeação dos membros da elite mineira para cargos na área federal e verbas para obras públicas, como a construção de ferrovias.

fundamentais para compreensão da realidade social e da formação do indivíduo carioca, conforme observou Cony:

À margem de sua poesia, reconheço em Noel – e aí está mais um traço que o identifica com o que há de melhor em nosso modernismo – uma preocupação social. Sociologicamente falando, NR trouxe alguns temas inéditos à nossa poética; a fábrica, por exemplo. Noel criou, principalmente, o carioca. O tipo, o estado de espírito, a linguagem, a bossa e o pato do carioca. O carioquismo já estava esboçado em Manuel Antonio de Almeida. Machado de Assis por pouco seria um carioca legítimo, mas o menino do morro do Livramento deu de ler os ingleses e escreveu o Dom Casmurro. E Lima Barreto pode ser citado como ancestral e precursor de Noel, podendo-se, com certo esforço, admitir que a diferença entre Lima Barreto e Noel Rosa é a mesma que distingue a poesia da prosa. De qualquer forma, o genial mulato de Todos-os-Santos preparou terreno para que surgisse o boêmio de Vila Isabel. Basta ler-se os primeiros capítulos de Policarpo Quaresma para a confirmação.<sup>6</sup>

A relação com a Literatura feita pelo autor é conveniente, pois, de fato, a obra de Noel Rosa dialoga temática e estilisticamente com o que foi produzido pelos escritores brasileiros do final do século XIX e primeira metade do XX. A vida privada popular foi muito bem interpretada pela canção popular urbana, tarefa que esteve, originalmente, relegada à literatura nas sociedades em que a modernidade se mostrou mais evidente através da construção dos espaços públicos. Tal acontecimento teve significativas implicações, sendo que a primeira delas tem a ver com

a profunda mediocridade do projeto burguês de nossas elites para a modernidade do país e da vacuidade de seus valores disciplinares, já tão analisada por nossos pensadores e diagnosticada em minúcias até hoje: aspira-se a dar à sociedade uma cultura moderna nos moldes europeus (e depois norte-americanos) desde que ela se concilie com a desigualdade social e política, com a hierarquia de prestígios exclusivos, com o senso de que cada um saiba seu lugar e não tente o acesso às decisões e aos lugares fundamentais da nação.<sup>7</sup>

A busca da modernidade conciliada com o desejo de se manter os privilégios sociais e econômicos da elite burguesa mostra como o projeto de reestruturação cultural e física do Rio de Janeiro, e do Brasil de forma geral, atingia apenas determinada e minoritária parcela abastada da população. A idéia do desenvolvimento capitalista, dos

<sup>6</sup> CONY, Carlos Heitor. Noel Rosa. **Jornal Folha de São Paulo**. 02/08/1964.

<sup>7</sup> PAOLI, Maria Célia. Os amores citadinos e a ordenação do mundo pária: as mulheres, as canções e seus poetas. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa Maria Murgel; EISENBERG, José. (Orgs.). **Decantando a República**: inventário histórico e político da canção popular moderna brasileira. Rio de Janeiro/São Paulo: Nova Fronteira/ Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 74. vol. 3.

benefícios produtivos das fábricas e das ações mercantis acabavam por se desvanecer sob a neblina que separava ricos e pobres, brancos e pretos, e gerava ou aguçava os demais antagonismos culturais ou econômicos característicos desse período. No contexto conturbado que se desenhava, Noel Rosa surge como indivíduo que buscava representar a essência da realidade social através de composições que são fruto tanto das transformações culturais que surgiam em contraposição ao universo “retrógrado” dos morros, quanto das concepções poéticas e tradicionais que percebiam nessa modernidade um fator de desequilíbrio e alienação da brasilidade.

A nova realidade moderna está intimamente relacionada com a desigualdade social, econômica e cultural característica do Brasil nesse período. A participação política das massas foi gradativamente podada pelo progresso capitalista, o pensamento liberal e o desenvolvimento urbano, ao contrário do que acontecera na construção do espaço burguês do início do século XIX. Pretendia-se construir um Brasil nos moldes do “chiquismo” europeu, tanto em seus aspectos físicos, arquitetônicos – como se vê nas reformas do Rio de Janeiro dirigidas pelo prefeito Pereira Passos no início do século passado – quanto nos aspectos culturais e sociais, o que fazia com que tudo ligado ao popular, como o carnaval, o violão, as serestas e modinhas fosse deixado de lado.

Noel Rosa soube mostrar, também, a existência dessa tendência “anti-popular” característica dos primeiros tempos da República, mas que foi suplantada pelos ideais modernistas e pela entrada do samba no rol das preferências burguesas:

Fiz um samba pra te dar  
Cheio de rimas que acabei de musicar  
Se por capricho não quiseres aceitar  
Tenho que jogar no lixo  
Mais um samba popular

Sei bem que tu condenas  
O estilo popular  
Sendo as notas, sete, apenas  
Mais não posso inventar.

Nesse sentido, vemos como o compositor aludia, com sua sutileza característica, às transformações do Brasil na época em que viveu, traduzindo em seus versos a influência do moderno sobre os valores e o comportamento da população urbana do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que Noel Rosa teve êxito ao apresentar um samba independente, autônomo esteticamente e politicamente. Um samba que não podia ser

traduzido através dos padrões impostos, que não era expressão de específicos segmentos sociais, mas representante da integração de culturas.

Assim, a poesia e a música popular produzidas por Noel Rosa possuem a estrutura e a temática adequadas às conquistas modernistas no que se refere à estética que rompe com a tradição poética, o que mostrava o lado transformador do compositor, com letras que rompiam com padrões. Conforme observou Lafetá

O ataque às maneiras de dizer se identifica ao ataque às maneiras de ver (ser, conhecer) de uma época; se é na (e pela) linguagem que os homens externam sua visão de mundo (justificando, explicando, desvelando, simbolizando ou encobrendo suas relações reais com a natureza e a sociedade), investir contra o falar de um tempo será investir contra o ser desse tempo.<sup>8</sup>

A visão de mundo de Noel, porém, se por um lado se identifica com o moderno, por outro critica a modernização que ocorre em outras instâncias, tais como a arquitetura, a cultura e a influência estrangeira. Ao mesmo tempo em que Noel se insere como um artista característico das novas correntes influenciadas pela Vanguarda Européia, sua relação íntima com as tradições musicais do morro – como o samba e os valores ligados aos costumes daqueles mais ou menos alheios às conquistas sociais da primeira metade do século – permanecem como um dos traços fundamentais de sua obra e de sua visão de mundo. Santuza Naves<sup>9</sup> observou que no contexto do modernismo brasileiro, a música "clássica" – particularmente representada pelo trabalho de Villa-Lobos e posições defendidas por Mário de Andrade – tende a valorizar elementos regionais. A música popular, no entanto, como no caso de Noel Rosa, segue um caminho diferente: incorpora o novo imaginário urbano à base da experiência modernista. A música modernista responde à demanda construtivista do período – o chamado a se construir uma nação brasileira – com uma tendência totalizante, buscando unificação e completude. O resultado é uma estética monumental que expressa a noção de um país com grande potencial, do qual as raízes regionais da cultura popular são uma expressão. Em contraste, alguns músicos populares, como os poetas modernistas, encontraram sua inspiração na vida urbana em todas as suas novas configurações. Enquanto os poetas engajados no movimento modernista fizeram essa opção

---

<sup>8</sup> LAFETÁ, João Luís. Estética e ideologia: o modernismo em 1930. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). **A dimensão da noite e outros ensaios**. São Paulo: Editora 34, s/d, p. 84.

<sup>9</sup> NAVES, Santuza Cambraia. **O Violão Azul**: modernismo e música popular. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 115.

conscientemente, os músicos modernistas o fizeram intuitivamente. O resultado foi uma estética fundada na simplicidade, recusando soluções totalizantes e operando, ao contrário, na fragmentação. Nesse processo, o compositor Noel Rosa – na sua condição de classe média atrelado à realidade dos morros – identificou e expressou elementos que fazem parte das diferentes culturas que constituem a realidade social carioca do período em que viveu. A simplicidade das tradições do morro, da periferia, do universo dos malandros e operários, desprende-se da suposta totalidade representada pelo progresso, pelas fábricas, pela modernidade globalizante. Novamente, vemos como Noel Rosa aparece no cenário sociocultural brasileiro como um indivíduo integrador, um símbolo das transformações que ocorriam naquele momento.

A alcunha de “filósofo do samba”, que Noel Rosa adquiriu ainda em vida, é representativa da intensa relação de sua obra com as concepções culturais em constante transformação em sua época. Essa filosofia, no entanto, aparece aqui em sua designação popular, advinda do senso comum, pois representa uma espécie de reação diante das dificuldades sociais e econômicas, uma postura crítica frente ao liberalismo político que era apenas uma vaga idéia de democracia na primeira metade da década de 1930. Como ele mesmo expressou em forma de samba: “Eu tenho fama de filósofo amador”, um indivíduo que, ao observar a sociedade e suas idiossincrasias, elaborava suas interpretações sem qualquer pretensão acadêmica.

Como base de todas as divagações de Noel acerca do cotidiano da cidade estava o samba, praticamente uma entidade mítica, um modo de compreensão e redimensionamento da existência. A forma atual e moderna com a qual Noel descreve a realidade social e cultural a sua volta é representativa do quanto ele, como indivíduo e como artista, permitiu a integração de diferentes universos característicos da época em que viveu. E o samba foi a ferramenta imprescindível para que houvesse essa integração, pois foi ele que desceu do morro e adentrou os salões burgueses. Como disse o próprio Noel em entrevista a **O debate** em 09 de março de 1935:

A princípio o samba foi combatido. Era considerado distração de vagabundo. Mas o samba estava bem fadado. Desceu do morro, de tamancos, com o lenço ao pescoço, vagou pelas ruas com um toco de cigarro apagado no canto da boca e as mãos enfiadas nas algibeiras vazias e, de repente, ei-lo de fraque e luva branca nos salões de Copacabana. Mas o companheiro do samba será sempre o violão, que já obteve também sua vitória definitiva. O samba é a voz do povo.

Sem gramática, sem artifício, sem preconceito, sem mentira. É malicioso e... ingênuo. O povo carioca sente a alma do samba.<sup>10</sup>

O samba, assim, faz parte de toda a realidade social e cultural brasileira independentemente de fronteiras de raça ou classe. Nesse sentido, Noel Rosa compreendeu essa característica porque ele mesmo foi responsável por essa transformação do samba em elemento aglutinador de culturas. Por sua condição de “homem-fronteira”, teve papel fundamental no processo de significação e caracterização do samba como símbolo brasileiro.

A originalidade de Noel Rosa e sua importância no cenário cultural brasileiro vão além de suas letras com inovações modernistas, das harmonias elaboradas ao violão e as temáticas alusivas ao cotidiano e à realidade da sociedade brasileira. Fora o fato de ter produzido canções nos mais diversos ritmos, demonstrando intimidade com samba, marcha e rumba, por exemplo, e ter feito tudo isso com tão pouco tempo de vida, Noel foi o grande mediador cultural entre os dois tipos de samba que se tocava no Rio de Janeiro de sua época: o samba do morro e o da cidade. Noel foi o primeiro compositor branco e de classe média a subir o morro, a frequentar os subúrbios cariocas, a colher, na fonte, as regras da arte sambística com compositores de origem popular como Ismael Silva, do Estácio (seu maior parceiro, com quem fez 18 sambas), e Cartola, da Mangueira (parceiro em 4 composições).

Noel Rosa foi fundamental, com sua obra, para que o samba descesse dos morros, conquistasse a cidade e passasse a frequentar as casas mais abastadas da zona norte do Rio de Janeiro. No entanto, mesmo assumindo uma forma de compor e se expressar de forma mais individualista, o que era inovador naquele momento, não adotou o estilo de vida burguês. Ele seria, assim, uma espécie de observador do mundo da cidade, da modernização, da urbanização e das transformações trazidas para a sociedade, mas que permaneceu, de certa forma, alheio a esse universo, pois através de suas composições repletas de aspectos modernos, burgueses e urbanos, criticava a realidade social forjada pelo mesmo sistema que gerou esses elementos. Seria um cronista, um observador, um *flâneur* que vagava pelas ruas, pelos bares, perscrutando os detalhes da vida cotidiana nos moldes do que fizera outrora, na crônica **A rua**, João do Rio, autor da seguinte reflexão:

---

<sup>10</sup> MAXIMO, João Apud DIDIER, Carlos. 1990. **Noel Rosa**: uma biografia. Brasília: UNB, 1990, p. 357.

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flaneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flanar.<sup>11</sup>

Ao que tudo indica, Noel Rosa possuía esse “espírito vagabundo” e dele fez uso para “flanar” através das peculiaridades das classes sociais, dos diferentes personagens e valores que formavam o Rio de Janeiro de sua época. Foi um integrador das duas culturas musicais de seu tempo e, conseqüentemente, de diferentes elementos que compunham a sociedade brasileira. Em seus sambas estão presentes tanto os aspectos culturais e sociais das classes mais baixas, da periferia, dos morros do Rio de Janeiro, quanto a ideologia pequeno-burguesa que se desenvolvia após a Revolução de 1930 e as transformações capitalistas pós-crise de 1929 com suas mudanças na industrialização e nas relações de trabalho.

Além disso, Noel veio também romper com o diletantismo do artista de classe média, assumindo, ao profissionalizar-se, a condição de músico popular. Até então não havia lugar para o músico popular entre os segmentos das classes média e alta devido às discriminações ao ofício, considerado desclassificado e associado a negros e marginais. Essas interdições levariam o músico popular a adotar uma postura dissimulada, como é o caso de Braguinha, que, sendo de família tradicional, e temendo assim arrastar seu nome para o campo ainda malvisto da música popular, acabou adotando o pseudônimo de João de Barro.

Noel Rosa, no entanto, soube utilizar a indústria cultural como elemento fundamental na divulgação de sua obra, o que contribuiu para popularização do samba entre as mais diversas camadas sociais. Foi através dos meios de difusão como o rádio e a indústria fonográfica que o compositor pôde expandir sua produção, vendê-la, comercializá-la, tornando-se, assim, um profissional. Segundo Frota,

Todo o profissionalismo da geração Noel Rosa decorreu daquele tipo de comportamento criado nas e pelas instâncias de consagração ainda porventura emergentes nos anos 20 e 30, como a indústria fonográfica (depois do salto para o sistema eletromagnético de gravação de discos) e o rádio, agora comercial.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> RIO, João do. 2007. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Martin Claret [primeira edição de 1908], 2008, p. 11.

<sup>12</sup> FROTA, Wander Nunes. 2003. **Auxílio luxuoso**: samba símbolo nacional, geração Noel Rosa e indústria cultural. São Paulo: Annablume, p. 81.

Enfim, todos esses elementos – a originalidade da obra, o papel na “reinvenção” do samba, o contato com a cultura do morro e da cidade e a relação com a indústria cultural – permitem compreender Noel e sua obra, respectivamente, como indivíduo e meio aglutinadores e representativos da complexa estrutura social e cultural que surgia nesse momento histórico em que o samba se tornava linguagem mestiça e símbolo nacional. Suas composições são representativas desse período da história do Brasil porque no grande mosaico que era a sociedade, Noel criou uma obra síntese da brasilidade e das transformações socioculturais pelas quais passava o país no decorrer da década de 30. Em suas composições percebemos os traços de estilo e as temáticas que denotam a influência do contexto modernizante sobre o pensamento das pessoas e, ao mesmo tempo, as críticas feitas pelo compositor sobre como o moderno em seus diversos aspectos – econômicos, sociais ou culturais – deturpava a tradição da música popular e a essência do brasileiro. Por tudo isso, boa parte de suas canções são documentos históricos que representam o conturbado contexto de adaptação do Brasil à nova ordem econômica e cultural que se desenhava na época em que viveu Noel Rosa, assim como mostram que o próprio Noel é um indivíduo que, por viver entre os universos do morro e da cidade, da tradição e do moderno, deixa transparecer em sua obra traços tanto de um como de outro, representando, assim, um importante período de transformação da sociedade brasileira.